

Vivar y Soler, R. D. de; & Kawahala, E. Sartre leitor de Fanon: implicações éticas e políticas das lutas pós-coloniais

Sartre leitor de Fanon: implicações éticas e políticas das lutas pós-coloniais

Sartre reader of Fanon: ethical and political implications of the postcolonial struggles

Rodrigo Diaz de Vivar y Soler¹

Edelu Kawahala²

Resumo

Este ensaio discute as implicações éticas e políticas das lutas pós-coloniais, a partir do prefácio escrito por Sartre para o livro *Os Condenados da Terra*. Publicado em 1961, esse texto pode ser compreendido como uma ferramenta imprescindível para a contextualização de Fanon como intelectual diaspórico que escapa a uma visão europeia de mundo e de sujeito. Portanto, pode-se falar que o prefácio escrito por Sartre deve ser compreendido como um gesto político de enunciação e de visibilidade para com um autor proveniente da periferia e que, ao seu modo, contesta a hegemonia do centro.

Palavras-chave: Sartre; Fanon; ética; política; pós-colonial.

Abstract

This essay discusses the ethical and political implications of the postcolonial struggles, from the preface written by Sartre for the book *Les Damnés de La Terre*. Published in 1961, this text can be understood as an essential tool to contextualize Fanon as a diasporic intellectual who flees from a European view of world and subject. Therefore, one can say that the preface written by Sartre must be understood as a political gesture of enunciation and visibility towards an author from the suburbs and, in its way, challenges the hegemony of the center.

Keywords: Sartre; Fanon; ethics; politics; postcolonial.

¹ Bacharel em Psicologia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Doutorando em Psicologia pela UFSC. Professor no centro Universitário Estácio de Sá/SC. Endereço para correspondência: Centro Universitário Estácio de Sá. Avenida Leoberto Leal, 461, Barreiros, São José, SC, CEP: 88.117-001. Endereço eletrônico: diazsoler@gmail.com

² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Doutoranda em Psicologia pela UFSC. Professora do Centro Universitário Estácio de Sá/SC. Endereço eletrônico: edeluk@gmail.com

No ano de 1961, Sartre escreve o prefácio ao livro de Fanon (2005), *Les Damnés de La Terre – Os Condenados da Terra*. Se admitirmos o fato de que Sartre gozava de um alto prestígio dentro da academia francesa, devido à sua posição de intelectual engajado, deve-se considerar a escrita desse prefácio como um gesto de enunciação para com um autor proveniente de uma colônia francesa na América que, com suas profundas reflexões sobre sujeitos colonizados, registradas em ensaios como *Pele Negra, Máscaras Brancas* (Fanon, 2008), por exemplo, provocara uma fissura no interior do pensamento sociológico e filosófico de sua época, escapando desse modo os limites impostos por uma visão europeia de mundo e de homem. Nesse sentido, não é nenhum exagero afirmar que Sartre (2005) toma a obra de Fanon como um instrumento para articular a crítica perante as atrocidades cometidas pelo colonialismo europeu, antecipando todo o debate produzido por Saïd (2011), Bhabha (2010) e Hall (2011), pensadores que, décadas mais tarde, contextualizarão a política contemporânea do mundo pós-colonial e das vozes da periferia contra as hegemonias do centro.

Ocorre que, correlativo a essa estratégia política de visibilidade, pode-se afirmar que existe, no texto escrito por Sartre (2005), a perspectiva ética de ilustrar, por meio de um panorama histórico e cultural, a crise do mundo ocidental, em nome da emergência e do fortalecimento de novas vozes provenientes de territórios colonizados. As primeiras palavras de Sartre (2005) são dedicadas a uma leitura crítica sobre o processo de colonização praticado pelos europeus em relação aos habitantes da América. Afirma o autor que a grande diferença entre o colonizador e o colonizado está inscrita no âmbito da linguagem. Ou seja, o sucesso da empresa colonial no Novo Mundo está intimamente relacionado à domesticação do autóctone pela força do verbo. A estratégia do colonizador consistia, pois, na elaboração de dispositivos capazes de fazer com que o indígena amasse a civilização ocidental. Tal estratégia foi tão eficiente para o processo de colonização quanto o extermínio de milhões de habitantes das colônias localizadas no Novo Mundo.

Existe no diagnóstico empreendido por Sartre (2005) a constatação singular de que a violência colonial ocorreu também por meio da linguagem e que aquilo que se convencionou chamar de civilização só pode se concretizar por meio do genocídio cultural dos colonizados, utilizando-se práticas brutais nas quais entra em jogo a intensificação de uma ortopedia cultural que objetiva transformar o *selvagem* em alguém

civilizado. As primeiras vozes a contestarem o imperialismo no terceiro mundo apontaram para uma crítica ao humanismo da empresa colonial. Contudo, quem ousaria acreditar nessas poucas vozes de negros e índios helenizados? “O seu humanismo nos afirma como universais e suas práticas racistas nos particularizam” (p. 24).

Para Sartre (2005), haveria um paradoxo na civilização ocidental: enquanto os democratas e herdeiros do iluminismo reivindicavam a liberdade na Europa e nos Estados Unidos, praticavam a barbárie em territórios asiáticos, africanos e latino-americanos. Por conta disso, pode-se afirmar, com Sartre, que os defensores da justiça e da igualdade universal são os mesmos que escravizam aqueles que são diferentes, justamente porque lhes interessa sempre advogar em favor de ideais universais, esquecendo-se das especificidades e dos contornos da diferença presentes em grupos sociais que não se enquadravam nos padrões hegemônicos presentes nos paradigmas europeus ou estadunidense.

Em 1961, surge uma voz contestadora das atrocidades cometidas pela empresa colonial. Essa voz era de um sujeito proveniente do terceiro mundo, um sujeito diaspórico. Contudo, poder-se-ia perguntar: quais foram às condições de possibilidade para a proliferação dessa voz? Para elucidar o referido questionamento é preciso atentar para o momento histórico em que *Os Condenados da Terra* (Fanon, 2005) foi publicado. Pela primeira vez no século XX um intelectual diaspórico não tem como finalidade tornar-se um assimilado, mas sim afirmar a sua diferença. Através de uma relação entre a ética, a política e o messianismo, a porosidade textual de Fanon (2005) nos sugere que a Europa corre para o abismo, restando aos sujeitos do terceiro mundo afastar-se de caminho eminentemente sem volta. Isto é, esses mesmos sujeitos, segundo sua opinião, deveriam abrir mão do perverso jogo racionalista produtor e glorificador da barbárie. É necessário, pois, instituir uma experiência ética referendada pelo seguinte imperativo: *Em vez do colonizado desejar ser igual ao colonizador ele deve, antes de tudo, procurar afirmar sua diferença*. Tal imperativo implica, por sua vez, a necessidade dos indivíduos provenientes dos países periféricos desconstruírem a noção da assimilação em nome do fortalecimento de suas próprias culturas, de seus próprios saberes.

Contudo, é importante ressaltar que a construção de uma experiência radical como essa deve ter como ponto de partida o uso estratégico que Sartre (2005) faz de Fanon. Ao escrever sobre um autor da Martinica radicado na França, Sartre constata a agonia de um mundo prestes a entrar em colapso devido às suas crenças obsoletas nas

noções de Progresso, Razão, Justiça, Democracia e Liberdade. Em outras palavras, o que ora afirmamos é que, no interior da superfície textual empreendida por Sartre, pode-se encontrar um gesto crítico e ao mesmo tempo corrosivo relativo à própria civilização da qual Sartre fazia parte, mas recusando seus encantamentos e adulações.

Por não reivindicar nenhum desses ideais, um sujeito diaspórico nada tem a ensinar ao colonizador. Essa constatação alarmante indica que *Os Condenados da Terra* (Fanon, 2005) deve ser compreendido como um *livro-arma*, uma ferramenta de combate para os sujeitos em tempos pós-coloniais, produtora de um sentido atravessado não somente pela desconstrução dos projetos provenientes das metanarrativas modernas, mas também pela recusa a todo e qualquer projeto universal que não contemple a diferença ou a subordine às políticas de identidade.

Fanon, segundo Sartre (2005), ensina que, mais importante do que assimilar-se a uma cultura dita universal, é necessário desmascarar as relações de sujeição produzidas pelo colonialismo. Todavia, a recusa como processo só pode ser produzida no instante em que se consegue realizar uma leitura crítica da realidade, visualizando as relações de força entre o centro e a periferia. É preciso que essa tática compreenda a efervescência da luta política e as ressonâncias dos processos revolucionários da primeira metade do século XX: a luta contra o capital e contra os modos de produção. Entretanto, o paradigma pós-colonial defendido por Fanon (2005) acaba indicando que se devem somar a esse processo as lutas contra as políticas de identidade do conflito do centro contra a periferia, o que, de acordo com Sartre (2005), implica na sublevação de novas e outras vozes que têm como maior desafio falar por si mesmas.

Tal sentença implica na construção de um sentido diaspórico para a palavra ética: *a questão não é submeter o outro à vontade de uma cultura hegemônica, mas reconhecer no outro um sujeito que fala e, não mais, um sujeito que é falado*. Nesse caso, se a história colonial produziu, de acordo com Sartre (2005), povos submetidos a uma independência mediada por forças hegemônicas detentoras de monopólios políticos ou econômicos, é necessário romper com tal herança produzida por países localizados no centro contra as culturas periféricas – pois “a colônia é, ao mesmo tempo, exploração (...) e povoamento” (p. 27) – para que se possa pensar o contexto ético do pós-colonial, levando em conta as estratégias do colonialismo e os modos pelos quais essas estratégias exercem suas influências no mundo moderno e contemporâneo.

Quais foram as estratégias empregadas para a estratificação das sociedades colonizadas? Uma resposta mais adequada a essa pergunta só pode emergir quando se trava uma luta intensa entre aqueles que ainda preferem permanecer no sono antropológico dos assimilados e aqueles que preferem despertar afirmando sua diferença através de um processo de luta que supera a oposição do conflito entre as classes, pois está localizada num território muito mais heterogêneo que é o duelo entre a periferia e o centro. Essa é uma batalha contemporânea que indica o fortalecimento não só contra a exploração do capital, mas pelas políticas de afirmação das diferenças. Ou seja, a questão não é lutar pela igualdade, mas sim reivindicar o direito e o acesso à diferença.

A unidade dos países periféricos, da qual fala Sartre (2005), é um processo em curso. Mas, essa unidade não pode ser confundida com um projeto humanitário universal como defendiam os teóricos do contrato social. O emprego da palavra unidade deve ser entendido como um movimento de aproximação de interesses entre os sujeitos diaspóricos na afirmação de suas diferenças transitórias. Ou seja, não será nenhum sistema político que unificará os países pós-coloniais, mas sim suas respectivas lutas pela afirmação da diferença, que precisa ser pensada como fluxo e não somente como oposição.

A falência do colonialismo é pensada a partir da emergência dessas múltiplas vozes oriundas da periferia. Sartre (2005) constata já em 1961 que não existe como deter esse processo. Por mais intenso que seja o aparato militar das nações imperialistas, é impossível impedir a emergência de múltiplas vozes que conhecem internamente a maquinaria do colonialismo. Sartre é decisivo: o colonizador só pode utilizar a força contra os subalternos; já ao colonizado restam duas alternativas: ou introjeta a subserviência e torna-se um assimilado, ou externaliza sua soberania. Torna-se um cão gregário ou constrói uma experiência de emancipação cultural.

Para quem Fanon (2005) escreve? Esse é um dos principais questionamentos levantado por Sartre (2005). Fanon escreve para a periferia e suas palavras são dirigidas para aqueles que ainda não encontraram uma forma de rebelar-se porque se encontram encantados pelo cisne imperialista que lhes acena com a promessa de um dia tornarem-se civilizados. O fato mais importante da escrita emblemática de Fanon (2005) implica o diagnóstico de que o projeto moderno de cultura e civilização está em vias de esgotamento. Cada vez mais, as vozes marginais se fazem presentes intensificando novas formas de pensar e de agir.

Vivar y Soler, R. D. de; & Kawahala, E. Sartre leitor de Fanon: implicações éticas e políticas das lutas pós-coloniais

Essas são as vozes que procuram pensar o novo século, não mais sob o olhar etnocêntrico, mas sim a partir da multiplicidade. Eis a característica contemporânea do texto de Sartre (2005), desdobrada na seguinte pergunta: por que se devem ler obras de autores diaspóricos? Em primeiro lugar, elas são importantes porque desmontam e desarticulam os processos de alienações do mundo contemporâneo. E de que modo? Fazendo-nos enxergar, pensar e transformar a nossa realidade. Em segundo lugar, porque suas textualidades funcionam como ferramentas para a compreensão histórica da realidade periférica. Eles contam uma história, mas não a história dos vencedores, dos heróis. Eles contam a história da infâmia. Tal olhar crítico problematiza definitivamente o sentido do universal.

Nossos soldados, além-mar rejeitando o universalismo metropolitano, aplicam ao gênero humano o *números clausus*: já que ninguém pode, legalmente, despojar o seu semelhante, escravizá-lo ou matá-lo, eles estabelecem o princípio de que o colonizado não é o semelhante do homem. (Sartre, 2005, p.31)

Essas palavras são importantes porque ilustram com precisão a dinâmica do poder apresentada por Sartre (2005): é preciso dominar e subjugar o *outro*, mas esse domínio só é realmente eficaz quando destitui do *Outro* a autonomia ou, ainda, quando se enxerga o *Outro* não como igual, mas como alguém que precisa ser tutelado moral, política e economicamente, porque não alcançou determinado grau de civilidade. Isso nos permite pensar que a violência possui, de acordo com Sartre, um lado muito mais sutil. Mais do que dominar é preciso criar artefatos que justifiquem as inferioridades e a única saída para o rompimento com esse processo é a resistência:

Se ele – o colonizado – resiste, os soldados atiram, é um homem morto; se ele cede degrada-se, não é mais um homem; a vergonha e o temor vão fissurar o seu caráter, desintegrar sua pessoa. Só nos tornamos aquilo que somos pela negação íntima e radical daquilo que fizeram de nós. (Sartre, 2005, pp. 33-34)

São esses os recados deixados por Sartre (2005) em relação ao fracasso e às consequências da luta contra as formas de dominação presentes na luta da periferia contra o centro.

Pedir e rejeitar, ao mesmo tempo, a condição humana: essa contradição é explosiva. Assim, ela explode, vocês sabem tanto quanto eu. E vivemos no tempo da deflagração. Se o aumento dos nascimentos agrava a miséria, se os recém-chegados têm a temer viver um pouco mais do que morrer, a torrente violência varre todas as barreiras. Na Argélia, em Angola, massacraram-se abertamente os europeus. É a hora do bumerangue, o terceiro tempo da violência: ela volta para nós, ela nos golpeia, e, como das outras vezes, não compreendemos que ela é nossa. Os “liberais” ficam perplexos, reconhecem que não fomos suficientemente gentis com os indígenas, que teria sido mais justo e mais prudente conceder-lhes certos direitos, na medida do possível; o que mais queriam seria admiti-los, às fornadas e sem padrinho, nesse clube tão fechado, a nossa espécie. E eis que esse transbordamento bárbaro e louco não os poupa, como não poupa os maus colonos. A esquerda metropolitana está constringida. Ela conhece a verdadeira condição dos indígenas, a opressão impiedosa de que são objeto, não condena a sua revolta, sabendo tudo que fizemos para provocá-la. Mas assim mesmo, pensa ela, há limites: esses guerrilheiros deveriam fazer questão de se demonstrarem cavalheirescos; seria o melhor meio de provar que são homens. Às vezes, ela os repreende: “Vocês exageraram, não vamos apoiá-los mais”. Eles poucos se importam: pelo apoio que ela lhes dá, ela pode enfiar naquele lugar. Desde que sua guerra começou, eles perceberam esta verdade rigorosa: todos nós nos equivalemos, todos nós nos aproveitamos deles, eles não têm nada a provar, não darão tratamento especial a ninguém. Um só dever, um só objetivo: expulsar o colonialismo por *todos* os meios. (Sartre, 2005, pp. 37-38)

As palavras de Sartre (2005) apontam o fato de que é preciso atentar para os aspectos contraditórios presentes nos conflitos entre a periferia e o centro. A consequência brutal de tal contradição refere-se ao fato de que a violência torna-se uma prática de resistência e não um ato de barbárie. Porém, os civilizados não se cansam de procurar encontrar mecanismos de resolução dos conflitos com base nas metanarrativas modernas. Nesse sentido, a violência precisa ser encarada como um gesto político de rebelião contra o estilo de vida etnocêntrico. Não é a glorificação da violência no seu estado bruto que Sartre defende, mas sim o apoio incondicional à necessidade imediata do sujeito diaspórico produzir práticas de resistência perante as atrocidades da assimilação.

Recusar e resistir seriam elementos imprescindíveis para a superação da condição de minoridade pela qual os sujeitos diaspóricos foram constituídos historicamente. A recusa e a resistência são também armas necessárias para o

fortalecimento de suas subjetividades. Diante de tal perspectiva, as palavras guerra, revolução e violência no final do prefácio precisam ser articuladas com o nosso tempo presente. É necessário, portanto, ultrapassar a contextualização da década de 1960 e pensá-las a partir da seguinte pergunta: que implicações essas palavras suscitam nos dias de hoje? Certamente, não se trata de glorificar o ódio e a intolerância. Mas de empreender uma articulação dos conceitos elementares pensados por Fanon (2005) para a construção de uma experiência ética inscrita numa perspectiva de confronto necessário para a sua construção. É preciso que se aplique a seguinte fórmula: *É preferível morrer em pé, em vez de passar a vida de joelhos.*

Eis a tarefa do sujeito diaspórico do qual Sartre (2005, p. 41) fala: “Filho da violência, ele retira dela, a cada instante a sua humanidade: nós éramos homens à custa dele, ele se faz homem à nossa. Um outro homem de melhor qualidade”. É condição básica para a construção ética dos sujeitos diaspóricos reivindicar um espaço de liberdade por meio da recusa, sem desejar ser igual ou assemelhar-se aos seus carrascos através do procedimento iconoclasta dessa ética defendida por Sartre.

Este livro não tinha necessidade de prefácio. Menos ainda porque não se dirige a nós. Mas escrevi um, para levar a dialética até o fim: também nós, gente da Europa, somos descolonizados. Isto quer dizer que extirpa-se por uma operação sangrenta o colono que está em cada um de nós. Olhemos para nós, se tivermos coragem, e vejamos o que é feito de nós. (p.42)

Essas palavras acabam por deixar claro o projeto político evidenciado pela leitura sartreana em torno do texto de Fanon (2005) como um discurso potencializador de uma luta que se efetiva não pela ingenuidade do projeto iluminista tão imbricado no processo civilizatório e explorador do

colonialismo, mas num combate efetivo contra as formas de dominação provenientes das hegemonias do centro. Em oposição a essa discursividade, Sartre (2005) convida-nos a ler Fanon (2005) a partir do seguinte imperativo: *Não existe emancipação cultural, política e ética sem que o sangue seja derramado!*

Referências

- Bhabha, H. K. (2010). *O Local da Cultura* (M. Ávila, E. L. de L. Reis, & G. R. Gonçalves, Trans.). Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Fanon, F. (2005). *Os Condenados da Terra* (E. A. Rocha & L. Magalhães, Trans.). Juiz de Fora: Editora UFJF.
- Fanon, F. (2008). *Pele Negra, Máscaras Brancas* (R. da Silveira, Trad.). Salvador: EDUFBA.
- Hall, S. (2011). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (L. Sovik, Org., A. La G. Resende, Trad.). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Said, E. W. (2011). *Cultura e Imperialismo* (D. Bottmann, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Bolso; Companhia das Letras.
- Sartre, J.-P. (2005). Prefácio a Edição de 1961. In F. Fanon, *Os Condenados da Terra* (E. A. Rocha & L. Magalhães, Trans., pp. 23-48). Juiz de Fora: Editora UFJF.

Recebido: 02/12/2013
Reformulado: 14/04/2014
Aprovado: 28/04/2014